

DISCURSO pronunciado na sessão solene do
Sindicato dos Auxiliares do Comércio
de Pôrto-Alegre, comemorativa ao seu
quarto aniversário de fundação.

Meus senhores, minhas senhoras.

Levanto-me constrangido para falar nesta assembléia esplendente, porque sinto que estou vivendo um destes momentos emocionantes, em que as vibrações intensas que nos pululam na alma se estrangulam na garganta, e a palavra não tem nem de leve o poder de externar aquilo que sentimos, aquilo que pensamos.

E, se não obstante eu vos imponho o quase intolerável castigo de ser ouvido, é porque se me oferece o ensejo de render também á nobre classe dos comerciários, num dia para ela duplamente assinalado, o preito sincero e espontâneo da minha admiração, da minha solidariedade e do meu afeto. Classe nobre e valorosa enfrentando galhardamente, como as demais, a injusta e impatriótica obstinação das mentalidades arcaicas que não querem, por malícia, por ignorância ou por apêgo a um princípio de conservação, se amoldar à hora que passa, hora de marcantes transições sociais, os comerciários tem no seu Sindicato de classe um órgão perfeito de defesa das suas legítimas e justas aspirações.

Compenetrados do papel histórico que lhes está reservado no Brasil novo, os comerciários, como todos os demais Sindicatos de classe, mau grado os inúmeros e

repetidos entraves que lhe tem anteposto na sua marcha entre nós, não só aqueles que, por interêsses de ordem econômica, social, moral e política, justificam, eu diria quase, a sua aversão à sindicalização como também aqueles, é doloroso que se afirme, que pertencendo pelas condições e pela vida, pelas necessidades e pela miséria à nossa classe, se transformam no entanto em instrumentos de dissociação, de enfraquecimento e de divisão de elemento sindicalizado, mau grado tudo isto, meus Senhores, os Sindicatos vão atingindo à grandiosidade das suas altas finalidades sociais, ou seja, consolidar no espírito do trabalhador a noção exata dos seus direitos em contraposição à era malfadada de individualismo egoístico em que o homem, graças a um liberalismo exagerado, dispunha do seu semelhante como de uma simples mercadoria sujeita às variações da oferta e da procura.

Sobrada razão teve o ilustrado e ilustre patricio Dr. Lindolfo Color, uma das mais brilhantes, inconfundíveis e robustas mentalidades do Brasil contemporâneo, espírito fulgurante, a quem eu rendo neste momento a homenagem da minha admiração, sobrada razão repito, teve S. Exa. quando afirmou “O sindicalismo de classe é um fato social, determinado pelas necessidades da Vida contemporânea. A sua afirmação vem se fazendo penosamente através de vicissitudes de tóda a ordem. A derrotas, que pareciam definitivas, seguiram-se vitórias, que marcaram novos esplendores na conquista de um Direito Novo”.

E sobejamente os fatos tem confirmado essa verdade, corroborado essa afirmação. Negá-la é desconhecer a marcha da sindicalização no Brasil.

Mas a par de reconhecimento das vitórias do sindicalismo entre nós, da verdadeira transformação social operada no Brasil após 30, manda a verdade que se proclame o quanto, podendo fazê-lo não se tem feito no campo das conquistas ordeiras, das reivindicações justas e da defesa serena do elemento sindicalizado.

E isso, Senhores, porque fatores diversos influindo decisivamente na orientação de alguns Sindicatos, desvirtuam completamente as funções administrativas, coordenadoras e representativas das direções sindicais. Entre êles, como um dos mais ativos, eu quero citar o fator ideológico. Realmente, Senhores, reveste-se de característico absurdo a simples intensão de impor ou ensinar nas colectividades sindicalizadas as ideologias políticas, religiosas ou filosóficas de determinadas correntes sejam de onde forem, da esquerda, do centro ou da direita. Isso implicaria não só em quebra do respeito devido à liberdade de pensar como até mesmo em negação da estrutura social de uma organização de classe, que, reunindo elementos da mais variada forma de pensar, e tendo uma função econômica-social definida, não tem no entanto, nem pode ter, uma formação partidária ou sectária a defender.

Não pode eu disse, e aí reside tôda a viripotência, que no Brasil possa ter a sindicalização, porque nós formamos uma raça forte no querer, raça altiva e nobre, indomável e independente, raça que se não submete a imposições de princípios, raça cujo gênio é formado, como diria Osório, por um “espírito iniludível constituído do arranque destemido para o ideal”. Espírito que se retemperou na vibratilidade intensa das gerações redivivas da Inconfidência, da Independência, da Abolição e da República, renascença esplendorosa da nacionalidade brasileira, nós formamos uma raça que, pelo seu culto à liberdade, é bem uma continuação aurifulgente e ininterrupta da existência luminosa de Tiradentes, de Deodoro, de Rio Branco, de Rui Barbosa, de Patrocínio, enfim de uma pléiade vasta de arautas da liberdade, do Direito e da Justiça que glorificaram pelos seus espíritos a pátria, a gente e a terra brasileiras. Assim é a nossa raça, o nosso povo, a nossa gente, consequência lógica, assim é o trabalhador nacional. Mas êsse deslocamento de atribuições, de função, de competência tende fatalmente a desaparecer, porque contra êle clamam e reclamam os interêsses mais vi-

tais das classes que se sindicalisaram deixando fora do seu Sindicato tôdas as demais qualidades, políticas, religiosas etc. levando para a sua organização uma única qualidade — a de trabalhador.

E os homens que assumem hoje a responsabilidade dos destinos do pujante Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Pôrto-Alegre, sem dúvida como os seus dignos antecessores, pela sua inteligência, pelo conhecimento que tem da psicologia das massas e pela noção exata que possuem das verdadeiras e alevantadas finalidades sindicais, não farão, por certo, nem permitirão que as fôrças desagregadoras venham interromper o ritmo cadenciado e imutável que conduz a sindicalização no Brasil à magnífica função social, humana e patriótica que a revolução outubrina lhe reservou.

Ainda um outro fato não menos preponderante na diminuição da capacidade produtiva dos sindicatos é, sem dúvidas, a ausência completa da coordenação de energias, de trabalhos, de actividades produtivas entre si, em uma palavra a desunião entre os sindicatos de classe. E numa rápida referênciã, eu vos direi apenas que, além dos prejuízos inerentes à desunião em si, ela coloca em difícil posição aqueles que, como eu, os imprevistos ocasionais de um pleito, elevaram à dignidade de representantes classistas na Assembléia Legislativa do Estado, deixando-os na posição de representantes de uma classe que, porque não se une, não tem uma orientação uniforme traçada e, pela ausência desta orientação, se antagoniza até na interpretação da forma de como se deve conduzir o deputado que a defende e que a representa no Parlamento Nacional e nas Assembléias Estaduais. E o Deputado de classe entregue à sua própria sorte, traça, êle mesmo, a diretriz que a sua consciência de trabalhador apontou e não pode, porisso, como nós não temos feito, se submeter a programações de grupos isolados que, embora representando correntes da opinião trabalhista, não interpretam no entanto a vontade soberana e expressa da coletividade em

pêso. E daí a razão de se poder discordar da orientação que nós vimos imprimindo aos nossos mandatos de Deputados classistas. Pode-se discordar, mas não duvidar da sinceridade de que se circundam os nossos desígnios da defesa das classes que modestamente representamos. E, como se me fôra dado desfazer, de uma vez por tôdas, as injustas e desumanas explorações com que se tem mal-dosamente nos procurado envolver, eu me sinto bem afirmando diante desta assembléia numerosa e nobre que, sem compromissos políticos com nenhum dos dignos partidos que formam a Assembléia legislativa do Estado, prestigiando, apoiando e acatando, no entanto, a autoridade constituída como uma decorrência lógica dos próprios grupos que nos elegeram, nos diz a consciência que temos agido com honestidade, com elevação, com nobresa e com noção das responsabilidades tremendas que emanam dos nossos postos.

Já abusei demais da bondade das vossas atenções, porém, se eu fugí, com as minhas desataviadas palavras, do motivo feliz e para nós todos agradável desta reunião brilhantíssima, foi porque eu quis fazer da minha maior e melhor homenagem aos comerciários no dia em que o seu Sindicato completa o quarto ano de existência, na hora em que se empossa a sua primeira direção trienal, eu quis fazer, repito, da minha maior homenagem o despertar ainda e mais, se possível, na lembrança dos seus componentes da idéia sublime e benfazeja do Sindicato, coluna moral do trabalhador brasileiro, exigindo dos seus membros **UNIÃO, LEALDADE, RESPEITO AO PENSAMENTO ALHEIO, ENERGIA E PUREZA DE INTENÇÕES.** E assim vencereis ou melhor, assim venceremos.

E nas dobras do pálio majestoso de um nacionalismo sadio e perfeito, nacionalismo que não alimente preconceitos nem privilégios humilhantes, que não desperte e sustente ódios entre filhos da mesma pátria estremeçada, os Sindicatos de classe hão de formar pela expressão su-

— 98 —

blime da sua fôrça o pedestal gigantesco e indestrutível sôbre o qual erguerá uma pátria grande, livre e feliz, dentro de uma pátria ainda mais grande, mais livre e mais feliz, um Brasil gigante dentro de um Brasil maior. Pátria, como eu disse alhures, mas não essa pátria mentirosa atrás da qual se escondem, às vezes, sentimentos inconfessáveis de ambição e de egoísmo, mas a Pátria verdadeira “mãe carinhosa para milhões de filhos seus” e que nos force a ver e a enxergar em cada cidadão uma partícula sua exigindo o nosso respeito, o nosso acatamento e o nosso amor para a grandeza esplendorosa e magnânima da majestade infinita e soberana do todo que é — O BRASIL.

Disse.